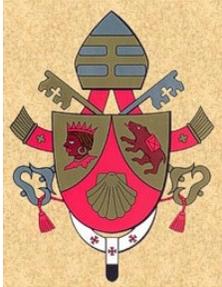


Esperança cristã: a encíclica de Bento XVI!

por Paulo Faitanin – UFF.



Brasão B. XVI

1. Tema: *Spe salvi* é a encíclica publicada pelo Papa Bento XVI e que a Sala de Imprensa da Santa Sé tornou pública no dia 30 de novembro de 2007, às 11:30 hs. A apresentação da encíclica ficou a cargo dos cardeais Georges Martin Cottier, O.P., pró-teólogo emérito da Casa Pontifícia e de Albert Vanhoye S. I., professor emérito de Exegese do Novo Testamento do Pontifício Instituto Bíblico. O texto da encíclica estava disponível em latim, italiano, francês, alemão, espanhol, português e polonês para a imprensa a partir das do dia 30 de novembro de 2007. Esta é a segunda encíclica de Bento XVI e gira em torno de mais uma das virtudes teológicas a saber a Esperança. Depois de ter tratado sobre a *Caridade* ou o amor de Deus na encíclica *Deus caritas est*, de 25 de dezembro de 2005. A encíclica medita sobre a carta de São Paulo aos Romanos (8, 24) onde é dito: *Pois nossa salvação é objeto de esperança; e ver o que se espera, não é esperar. Acaso alguém espera o que vê?*.

2. Análise: Em *Spe salvi* n. 2 alude ao fato de que a palavra do Evangelho não é só informativa, mas também performativa, porque aperfeiçoa e muda quem a ouve. Revoga a crença num Deus pessoal, pois *não são os elementos do cosmo, as leis da matéria que, no fim das contas, governam o mundo e o homem, mas é um Deus pessoal que governa as estrelas, ou seja, o universo; as leis da matéria e da evolução não são a última instância, mas razão, vontade, amor: uma Pessoa. E se conhecemos esta Pessoa e Ela nos conhece, então verdadeiramente o poder inexorável dos elementos materiais deixa de ser a última instância; deixámos de ser escravos do universo e das suas leis, então somos livres* [n.5]. Identifica Cristo com o verdadeiro filósofo, com *aquela que sabia ensinar a arte essencial: a arte de ser rectamente homem, a arte de viver e de morrer... Cristo diz-nos quem é na realidade o homem e o que de deve fazer para ser verdadeiramente homem. Ele indica-nos o caminho, e este caminho é a verdade. Ele mesmo é simultaneamente um e outra, sendo por isso também a vida de que todos nós andamos à procura. Ele indica ainda o caminho para além da morte; só quem tem a possibilidade de fazer isto é um verdadeiro mestre de vida.* [n.6]. Desiludida com a fé estreitada no âmbito da razão, Bento XVI narra como a proposta de Marx foi aceita pelo homem do século XIX em razão de que *Karl Marx recolheu este apelo do momento e, com vigor de linguagem e de pensamento, procurou iniciar este novo passo grande e, como supunha, definitivo da história rumo à salvação, rumo àquilo que Kant tinha qualificado como o « reino de Deus ».* Tendo-se diluída a verdade do além, tratar-se-ia agora de estabelecer a verdade de aquí. *A crítica do céu transforma-se na crítica da terra, a crítica*

*da teologia na crítica da política. O progresso rumo ao melhor, rumo ao mundo definitivamente bom, já não vem simplesmente da ciência, mas da política – de uma política pensada cientificamente, que sabe reconhecer a estrutura da história e da sociedade, indicando assim a estrada da revolução, da mudança de todas as coisas. Com pontual precisão, embora de forma unilateralmente parcial, Marx descreveu a situação do seu tempo e ilustrou, com grande capacidade analítica, as vias para a revolução. E não só teoricamente, pois com o partido comunista, nascido do manifesto comunista de 1848, também a iniciou concretamente. A sua promessa, graças à agudeza das análises e à clara indicação dos instrumentos para a mudança radical, fascinou e não cessa de fascinar ainda hoje [n.20]. O progresso, a ciência e a técnica não poderão redimir a dor e o sofrimento humanos [n.25]. Não é a ciência que redime, mas o amor [n.26]. Bento XVI apresenta uma síntese do que até então propora, o que pode ser resumido da seguinte forma: o homem tem muitas esperanças, na ciência, na política e inclusive na fé, mas se esta última não for abertura, nem mesmo ela poderá livrar-nos do mal estar de não possuímos uma verdadeira esperança [n. 31]. E prossegue: *precisamos das esperanças – menores ou maiores – que, dia após dia, nos mantêm a caminho. Mas, sem a grande esperança que deve superar tudo o resto, aquelas não bastam. Esta grande esperança só pode ser Deus* [n.32]. Logo, considera o sofrimento, demarcando a impossibilidade humana de fugir-lhe e a incensatez de não reconhecê-lo necessário em Cristo [n.36-39]. Tendo falado da via crucis do homem nesta vida, pelo sabor do sofrimento que o ronda, destaca agora a doutrina do Juízo [n.40]. O ateísmo, identificado como um moralismo, diluiu a crença comum no Juízo final. Como crer num Deus justo que permite o sofrimento? [n.42]. Reitera a esperança no Juízo dizendo: *a fé no Juízo final é primariamente, e sobretudo esperança – aquela esperança, cuja necessidade se tornou evidente justamente nas convulsões dos últimos séculos. Estou convencido de que a questão da justiça constitui o argumento essencial – em todo o caso o argumento mais forte – a favor da fé na vida eterna. A necessidade meramente individual de uma satisfação – que nos é negada nesta vida – da imortalidade do amor que anelamos, é certamente um motivo importante para crer que o homem seja feito para a eternidade; mas só em conexão com a impossibilidade de a injustiça da história ser a última palavra, é que se torna plenamente convincente a necessidade do retorno de Cristo e da nova vida* [n.43]. E prossegue num belo texto onde associa, correlaciona a graça com a justiça: *De nada adianta o protesto contra Deus em nome da justiça. Um mundo sem Deus é um mundo sem esperança (cf. Ef 2,12). Só Deus pode criar justiça. E a fé dá-nos a certeza: Ele fá-lo. A imagem do Juízo final não é primariamente uma imagem aterradora, mas de esperança; a nosso ver, talvez mesmo a imagem decisiva da esperança. Mas não é porventura também uma imagem assustadora? Eu diria: é uma imagem que apela à responsabilidade. Portanto, uma imagem daquele susto acerca do qual, como diz Santo Hilário que todo o nosso medo tem lugar no amor [Tractatus super Psalmos, Sal 127, 1-3: CSEL 22, 628-630.]. Deus é justiça e**

cria justiça. Tal é a nossa consolação e a nossa esperança. Mas, na sua justiça, Ele é conjuntamente também graça. Isto podemos sabê-lo fixando o olhar em Cristo crucificado e ressuscitado. Ambas – justiça e graça – devem ser vistas na sua justa ligação interior. A graça não exclui a justiça. Não muda a injustiça em direito. Não é uma esponja que apaga tudo, de modo que tudo quanto se fez, na terra termine por ter o mesmo valor. Contra um céu e uma graça deste tipo protestou com razão, por exemplo, Dostoïevskij no seu romance « Os irmãos Karamazov ». No fim, no banquete, eterno, não se sentarão à mesa indistintamente os malvados junto com as vítimas, como se nada tivesse acontecido. A qui gostaria de citar um texto de Platão que exprime um pressentimento do justo juízo que, em boa parte, permanece verdadeiro e salutar também para o cristão. Embora com imagens mitológicas mas que apresentam com uma evidência inequívoca a verdade, ele diz que, no fim, as almas estarão nuas diante do juízo. A gora já não importa o que eram outrora na história, mas só aquilo que são de verdade. « A gora [o juiz] tem diante de si talvez, a alma de um [...] rei ou dominador, e nada vê de são nela. Encontra-a flagelada e cheia de cicatrizes resultantes de perjúrio e injustiça [...] e está tudo torto, cheio de mentira e orgulho, e nada está direito, porque ela cresceu sem verdade. E ele vê como a alma, por causa do arbítrio, exagero, arrogância e levandade no agir, se encheu de emproamento e infâmia. Diante de um tal espectáculo, de envia-a imediatamente para a prisão, onde padecerá os castigos merecidos [...]. Às vezes, porém, ele vê diante de si uma alma diferente, uma alma que levou uma vida piedosa e sincera [...], compraz-se com ela e manda-a sem dúvida para as ilhas dos bem-aventurados ». [Gorgia, 525a-526c]. Jesus, na parábola do rico epulão e do pobre Lázaro (cf. Lc 16,19-31), apresentou, para nossa advertência, a imagem de uma tal alma devastada pela arrogância e opulência, que criou, da mesma, um fosso intransponível entre si e o pobre: o fosso do encerramento dentro dos prazeres materiais; o fosso do esquecimento do outro, da incapacidade de amar, que se transforma agora numa sede ardente e já irremediável. Devemos aqui destacar que Jesus, nesta parábola, não fala do destino definitivo depois do Juízo universal, mas retoma a concepção do judaísmo antigo de uma condição intermédia entre morte e ressurreição, um estado em que falta ainda a última sentença [n. 44]. Termina a encíclica evocando Maria como estrela da esperança [n.49-50].